

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

**‘MINI-EXECUTIVOS’: OBSERVAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA  
CONTEMPORÂNEA DO TEMPO EM CRIANÇAS DE NÍVEL SÓCIO-  
ECONÔMICO ALTO**

**MARIA INÊS GARCIA DE FREITAS BITTENCOURT**

*Doutora em Psicologia Clínica. Professora Assistente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.  
Pesquisadora do LIPIS.  
[mines@puc-rio.br](mailto:mines@puc-rio.br)*

**MARIA NOEL BRENA SERTÃ**

*Especialista em Educação Infantil. Aluna formanda do curso de Graduação em Psicologia da PUC-Rio.*

**Resumo:** O trabalho que apresentamos tem por foco de reflexão um fenômeno atualmente recorrente na observação de crianças de classe média e média alta na cidade do Rio de Janeiro: o preenchimento do tempo extra-escolar com um grande número de atividades que visam uma preparação precoce para uma vida adulta competitiva, ou simplesmente o preenchimento do tempo. Cada vez mais cedo crianças são submetidas a cumprir uma pesada agenda de tarefas que pelo excesso muitas vezes tornam-se automatizadas, pouco investidas pelo desejo, vivendo no seu cotidiano a falta do ‘tempo livre’ destinado à brincadeira sem compromisso, considerada como característica da infância e preparatória para uma vida adulta criativa.

**Palavras-chave:** infância, tempo, sociedade de consumo, brincadeira.

**"EXECUTIVE CHILDHOOD": THE CONTEMPORARY EXPERIENCE OF TIME IN  
CHILDREN FROM THE UPPER SOCIO-ECONOMIC CLASSES**

**Abstract:** This paper presents some reflections about the lack of ‘free time’ for playing, a fact that is observed in the daily life of children belonging to the upper social class in the city of Rio de Janeiro. Those children, since a very early age, are committed to a great number of extra-school activities, designed to educate them for a competitive adult life in the future, or merely to keep them busy.

**Keywords:** childhood; time, consumption society, playing

## INTRODUÇÃO

Nas condições da vida de hoje a técnica parece evoluir mais rápido que a cultura, substituindo o respeito aos valores pela ânsia de produzir, gerar lucro, consumir. Estas são as metas da sociedade apoiada no mito do progresso. Vivemos numa cultura que privilegia a ação, subordinando a existência à função. Neste contexto, a concepção do tempo voltado



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

para os compromissos objetivos, organizado em agendas (palavra latina que significa ‘as coisas que devem ser feitas’), tornou-se predominante, empobrecendo as oportunidades de valorizar o viver, outra forma de experiência da temporalidade em que esta se torna uma necessidade interior, onde o tempo se relaciona com a busca da autenticidade e com a criação de sentido para a vida.

Com todos os avanços científicos, vem aumentando cada vez mais o tempo de vida das pessoas. A questão que se coloca é: a que custo? Viver hoje, especialmente nos centros urbanos, é um processo que requer rapidez, facilidade e velocidade para adaptação às mudanças, capacidade para lidar com estímulos dos mais variados e, mais do que nunca, capacidade para lidar com a frustração, porque é impossível qualquer pessoa ter acesso a tudo o que o mundo moderno oferece e na velocidade em que as coisas acontecem. A quantidade de *inputs* é imensa e a competição também.

O fato do homem viver mais tempo parece exigir que ele tenha que ocupar mais esse tempo com atividades, ocupar para o trabalho, ocupar de forma eficiente, ocupar para preencher algum vazio. Tendo em vista o volume de opções e a rapidez com que as escolhas têm que ser feitas, dois fenômenos se fazem presentes: o tempo acelerado, que parece se esvaír, e a necessidade de preencher o tempo a qualquer custo, de qualquer maneira. Preencher o tempo para preencher o vazio. Vazio que muitas vezes leva à ação que é um simples ‘fazer’ executado sem simbolização, a ação pela ação, o ato pelo ato, que carece de significação.

Relacionado com esta questão, o trabalho que apresentamos surgiu da observação de um fenômeno que tem se tornado recorrente na clínica com crianças de classe média e média alta: o preenchimento do tempo extra-escolar com um grande número de ‘atividades’ que visam uma preparação precoce para uma vida adulta competitiva de formas explícita (aprendizado de idiomas por exemplo), ou velada, (ocupando a criança com atividades que ‘favorecem’ seu desenvolvimento como prática de esportes, aulas de música, dança,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

culinária etc), com o conseqüente declínio do tempo livre destinado à brincadeira sem compromisso, característica da infância. Estamos nos deparando com situações em que cada vez mais cedo crianças são submetidas a cumprir uma pesada agenda de tarefas que muitas vezes tornam-se tediosas e cansativas, como se depreende de falas como: “aprender inglês é muito chato” (G, 7 anos), “ o dia que eu prefiro é segunda feira de manhã porque é o único dia que eu não faço nada “ (V, 8 anos), “ eu faço natação, tênis, inglês, violão, capoeira, fono, psicóloga, no fim de semana eu tenho folga” ( P, 10 anos).

### **TEMPO DE SER, TEMPO DE FAZER**

A determinação da existência hoje tende a se definir pela função, em detrimento do significado. A experiência do tempo parece caracterizada por dois aspectos marcantes: ela tende a ser reduzida, por um lado, a um modo de simbolização objetiva, que, postulando a equivalência “tempo é dinheiro”, leva o homem a tornar-se escravo do ‘tempo de fazer’, e a perder a oportunidade de conhecer melhor o ‘tempo de viver’, o tempo de experiência da autenticidade e da criação. A ênfase nos valores da aparência e da satisfação absoluta também revela uma procura de substituição da realidade do tempo por ilusões, pelas quais se nega a consciência da falta, dos limites, da frustração.

Numa perspectiva oposta a esta tendência, tomamos aqui como base a contribuição teórica de Maurice Merleau-Ponty (2000), que pensa a experiência do ser no tempo a partir da perspectiva fenomenológica, propondo a compreensão da constituição do eu na dimensão espaço-temporal e na relação com o outro. Nesta perspectiva o sujeito é pensado como projeto do mundo, como campo, temporalidade e coesão de uma vida.

Na *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty (2000: 469) apresenta uma citação de Claudel que condensa os múltiplos significados do sentido do tempo: “ O tempo é o sentido da vida (sentido: como dizemos o sentido de um córrego, o sentido de uma frase, o sentido de um tecido, o sentido do olfato)”.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

A temporalidade, como “forma do sentido íntimo do ser”, se refere portanto a direção, sensação, significado. Associando esta questão ao tempo vivido, tomamos emprestada a expressão de Henri Bergson (1948) que destacou a ‘duração interior’ como trama verdadeira da vida. Sujeito e tempo comunicam-se de dentro, e a temporalidade é uma necessidade interior, constituída pela consciência. A continuidade do tempo é apontada como fenômeno essencial: o presente não se encontra fechado em si mesmo, mas transcende-se na direção tanto de um passado quanto de um futuro, que só existem porque uma subjetividade introduz estas perspectivas, estendendo-se em sua direção. O tempo torna-se o próprio sentido da nossa vida; acrescentamos que a construção de sentido da vida só pode se dar na solidão e no repouso, que abre espaço para a elaboração pessoal das experiências vividas no contato consigo mesmo e com a alteridade. Como diz o próprio Merleau-Ponty (op.cit, p.113), “ser uma experiência significa comunicar-se internamente com o mundo, com o corpo e com os outros...”.

Refletindo sobre o devaneio do adulto, momento privilegiado de contato com o tempo vivido, Bachelard (2000) dedica um extenso estudo à importância das experiências infantis de ‘solidão’ onde se cria a capacidade de sonhar. É relevante porém destacar que esta capacidade só se constrói quando houve uma experiência precoce de “presença do outro” capaz de autorizar a criança a ficar só, porém acompanhada pela memória dessa presença (Winnicott, 1975).

O que pode decorrer da falta desta experiência vivida do tempo, cuja construção deveria se iniciar nos primórdios da vida? Refletindo sobre a era contemporânea, Bauman (2001) comenta que o tempo instantâneo do mundo da rapidez não é um tempo sem conseqüências. “Instantaneidade significa realização imediata “no ato”, mas também exaustão e desaparecimento do interesse.” No mundo da instantaneidade, aqueles que se movem e agem com rapidez detêm o poder, são os que mandam, enquanto que aqueles que não podem se mover tão rápido, aqueles que não podem consumir tudo a qualquer



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

momento, aqueles que não podem deixar seu lugar quando quiserem, são os que obedecem. É assim com adultos e é assim com crianças também. *As crianças instantâneas* são as que descartam seus brinquedos com a maior facilidade, jogam no computador mais de um jogo ao mesmo tempo, conseguem brincar, estar “logadas” na internet e estudar simultaneamente. Não perdem tempo estudando nem perdem tempo brincando. Não podem ficar paradas. Serão essas as crianças ideais da contemporaneidade, educadas para um mundo eficiente, para um mundo da produção e do consumo?

Fenômenos como esse sugerem que a visão que os adultos têm das crianças parece ter-se de certa forma diferenciado da concepção estabelecida na modernidade, que instituiu a idéia de uma especificidade da infância, definindo critérios de diferenciação em relação à idade adulta. Paradoxalmente, embora a infância seja invocada incessantemente, parece ter havido um retrocesso, uma volta ao que ocorria no passado, quando a criança era tida como um adulto em miniatura, como mostrou Philippe Ariès em seu clássico estudo *História social da criança e da família*. No que se refere ao uso do tempo na vida cotidiana dos centros urbanos, e especialmente nas classes sócio-econômicas mais favorecidas, as crianças têm agendas que mais parecem de adultos: escola, cursos de idiomas, esportes, cursos de arte, sessões com profissionais diversos como fonoaudiólogo, psicopedagogo, psicólogo etc. Tudo isso para desenvolver a criança em todas as áreas, com destaque para as habilidades intelectuais e psicomotoras. É preciso preparar a criança para o mercado. Cuidar da criança é assim pensar na sua futura inserção na sociedade voltada para o consumo. É pensar na sua felicidade condicionada à posse de objetos, à adoção de comportamentos estereotipados, ao acesso à informação, à novidade. Seus pais tudo farão para inseri-la no mercado global.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a criança é conduzida precocemente a uma ‘vida de adulto’, crianças e adultos tendem a não se misturar mais (Jobim e Souza, 2000). O encontro em espaços capazes de promover uma convivência favorável encontra o



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

obstáculo da ‘falta de tempo’ para acontecer, rareando as oportunidades dos pequenos passeios juntos numa manhã ou final de tarde, das leituras compartilhadas, das conversas, das brincadeiras – atividades que se tornam prerrogativa das ‘férias’, já que poucos adultos têm hoje condições (reais e/ou subjetivas) de sustentar o ócio no cotidiano. Assim, num mundo que não comporta perda de tempo, ou sequer a contagem de tempo, as crianças no cotidiano são levadas a brincar sozinhas ou através da *internet*.

Nesse contexto a brincadeira sem compromisso não é mais uma atividade que se encontre sempre valorizada como necessidade básica, específica da criança. Por um lado as brincadeiras tradicionais perderam espaço literalmente, muitas crianças não têm mais onde brincar. As ruas estão proibidas, os parques inacessíveis – seja pelos perigos da violência urbana, seja porque para freqüentá-los as crianças precisam da companhia de um adulto. Por outro lado, frente à imposição de desempenho em inúmeras atividades programadas para seu ‘desenvolvimento’, muitas crianças não têm voz, e precisam se submeter. O que faz surgir uma importante questão: a criança que não brinca, como disse Winnicott (1975 a), por falta de espaço para simbolização e criação, acaba perdendo a possibilidade de narrar e dar significado à sua história pessoal e ao mundo que a cerca.

## RELATOS INFANTIS SOBRE O USO DO TEMPO

No contexto de um trabalho de campo<sup>1</sup> realizado numa escola particular da zona sul do Rio de Janeiro e freqüentada por crianças das classes média e média-alta, chamou nossa

---

<sup>1</sup> A pesquisa de campo foi realizada por Maria Noel Brena Sertã como parte de monografia de conclusão do curso de Graduação em Psicologia, em duas escolas, uma municipal e uma particular, situadas na zona do sul da cidade do Rio de Janeiro. As crianças tinham entre 7 e 8 anos e cursavam o 2º ano do ensino fundamental. As turmas tinham em torno de 25 alunos cada uma. Apresentamos aqui apenas o material das crianças da escola particular,.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

atenção a preocupação precoce de crianças de 7 e 8 anos de idade com a administração do tempo. A turma foi dividida em grupos de 5 alunos para a realização de uma atividade que consistiu de um desenho realizado em um papel pardo grande, tamanho 120cm x 80cm, com utilização de canetas pilot, lápis de cor, cola brilhante. O desenho poderia ser coletivo ou individual, ficando a decisão a critério do grupo.

Através do desenho as crianças deveriam responder à seguinte pergunta: O QUE VOCÊ FAZ QUANDO NÃO ESTÁ NA ESCOLA?

Mesmo pensando que ‘ser criança’ implicaria essencialmente estudar e brincar, foi pensada esta pergunta visando não direcionar a resposta, isto é, procurando deixar espaço para a resposta de crianças que eventualmente não brincassem. Se, diferentemente, perguntássemos “o que você gosta de fazer quando não está na escola”, as crianças poderiam dizer não o que fazem, mas sim o que gostariam de fazer, ou poderiam colocar apenas o que gostam de fazer e não relatar aquilo de que não gostam, mas fazem. É evidente que ao perguntar “o que você faz” não eliminamos a possibilidade das crianças trazerem o seu imaginário, a sua fantasia, o seu desejo. Apenas tentamos reduzir essa possibilidade, embora não fosse nossa intenção eliminar a manifestação do desejo.

Para efeito de análise nesta pesquisa, fez-se necessário, além dos desenhos, a realização de entrevistas semi-estruturadas. Estas entrevistas foram feitas durante a elaboração dos desenhos, um grupo de cada vez, todos tendo a sua vez para falar, todos podendo participar.

Nessas entrevistas foi perguntado às crianças o que fazem quando não estão na escola; se brincam, de que brincam; com quem brincam; como brincam; se, por outro lado, fazem outras atividades, que atividades são essas etc. Foi pedido a algumas crianças, também, que falassem sobre seus desenhos. Surgiram algumas questões quanto ao



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

conteúdo: “é para dizer o que eu faço de manhã?”. “De noite também? E no final de semana?” Era respondido que era para dizer tudo o que quisessem, para dizer o que faziam quando não estavam na escola, ou seja, de manhã, à noite, no final de semana – sábado, domingo. Quando quisessem e o que quisessem contar. O que achassem bom contar.

Assim, convidadas a desenhar e conversar sobre “o que fazem quando não estão na escola” (ou seja, teoricamente, no tempo livre da obrigação de estudar), as crianças representaram e relataram em conversa informal uma ocupação do tempo que foram analisadas a partir de algumas categorias, das quais destacamos aqui o lugar da brincadeira: embora presente nos relatos e enfatizada como aquilo que as crianças mais gostam de fazer, ela surge, em muitos casos, em segundo plano, esfumaçada pelas atividades, muitas vezes encoberta, nos intervalos das agendas superlotadas, nas horas que sobram, quando não há coisas mais ‘importantes’ para fazer. Crianças cuja vida é tão corrida quanto a de um adulto.

Selecionamos as falas de seis crianças como exemplo do que foi observado: na maioria dos casos, a brincadeira, o relaxamento, o tempo de ‘não fazer nada’ aparece com menos força que as aulas de esportes, música, línguas, o dever de casa, ou então uma brincadeira originariamente espontânea, como o *skate*, é praticada numa aula com hora marcada. É interessante o contraste entre a fala da primeira criança e as falas das outras:

*Criança 1 Aqui ( no desenho) é minha prateleira de brinquedos, meu irmão invadindo a minha cama, meu armário de brinquedos, minhas fotos, minha gaveta, a gaveta do meu irmão, as coisas dele, o meu armário, a porta, o meu brinquedo favorito: o Hulk de pelúcia.*

Entrevistadora: Já vi que você adora teu quarto. Já percebi. Você brinca bastante.É isso que você mais gosta de fazer quando você não está na escola?



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

É

Brincar no seu quarto?

É isso.

*Criança 2: Aqui eu desenhei as quatro aulas que eu faço por semana.*

*Eu faço três de manhã e uma depois da escola.*

*Ai eu faço tênis, natação, capoeira de manhã e futebol depois do colégio:*

*tênis eu faço 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup>;*

*capoeira eu faço 2<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>;*

*natação eu faço 3<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup>;*

*Futebol eu também faço 3<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup>.*

*Ai depois eu fiz assim os brinquedos que eu costumo brincar, levar para a escola.*

*Eu tenho um ratinho de brinquedo, um dragãozinho de brinquedo, um King Kong, um Hulk.*

*E eu tenho 7 anos e eu sou filho único.*

*Olha, que ótimo: este sou eu nas três atividades que eu faço de manhã e um de tarde.*

*Criança 3: Segunda de manhã aula de skate aula de natação.*

*Terça de manhã aula Britania Juniors e aula de sapateado.*

*Quarta de manhã aula de skate de novo.*

*Quinta de manhã aula de natação.*

*Sexta de manhã café da manhã.*

*Sábado vou para a Lagoa.*

Entrevistadora: E na sexta café da manhã por que? E nos outros dias?

*Porque eu não tenho nada na 6<sup>a</sup>-feira.*



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Então na 6ªf você toma café da manhã tranqüila.?É isso?

*É.*

Eu ouvi você falando que tem um dia que você não toma café da manhã.

*É. Nos dia do Britania. Porque eu tenho que acordar muito cedo.*

Aí não dá tempo de tomar café da manhã?

*Não.*

*Criança 4- Segunda de manhã, tomo café da manha e faço dever de casa.*

*Terça-feira tomo café da manhã e faço natação – De noite faço dever de casa.*

*Quarta- feira, vou para casa da minha avó.*

*Quinta-feira, tomo café da manhã e vou para a natação e de noite faço dever de casa.*

*Sexta-feira tomo café da manhã e de noite faço dever de casa.*

*Criança 5- Antes da escola eu almoço, tomo banho, depois quando volto tomo banho.*

*Jogo totó na casa da minha avó.*

*Toco teclado, estudo e durmo.*

Entrevistadora: Você aprende a tocar ou toca para se divertir?

*Aprendo a toca.r*



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

*Criança 6 De manhã segunda-feira faço aula de sapateado, circo, street dance e balé clássico.*

*Terça-feira eu faço aula de piano.*

*Quarta-feira eu faço aula de dança, teatro e circo.*

*Quinta-feira eu faço aula de hip hop.*

*Sexta-feira eu ando de bicicleta no meu quintal.*

*De tarde no sábado eu planto na minha horta.*

Entrevistadora: E no final de semana?

*Um é da minha mãe e outro é do meu pai. O do meu pai eu jogo vídeo game.*

*O da minha mãe eu faço alguma atividade.*

Entrevistadora: Como o que por exemplo?

*Ir na praia.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num trabalho que se propunha investigar em crianças de sete e oito anos da zona sul do Rio de Janeiro formas de uso lúdico e descompromissado do tempo livre, no sentido do tempo de 'viver', observou-se uma amostra que sugeriu que muitos meninos e meninas, pertencendo às classes economicamente mais favorecidas, estão sendo treinados precocemente para a vida competitiva. Fundamentando nosso pensamento em Freud e Winnicott, que destacam a importância das experiências lúdicas na infância, podemos dizer que adultizar a criança, trazendo-a para uma vida de responsabilidades e cronogramas, é afastá-la da possibilidade de brincar, representando através do brinquedo a vida adulta de modo a se preparar para ela. Como disse Freud ([1908],1976:151) “ O brincar é determinado por desejos – de fato, por um único desejo que auxilia a criança no seu



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

desenvolvimento: o desejo de ser livre e adulto”. A questão que se coloca é: para onde vai o desejo de brincar quando fica reprimido? O que as crianças farão com esse desejo? Partindo do princípio de que o brincar é uma construção social que se desenvolve na relação com um outro, o complemento da questão seria: como serão os adultos que não puderam brincar? Consideramos, com Winnicott (1975 b), que o brincar, sozinho ou em companhia de outros, é uma atividade fundamental que ocorre num “espaço transicional” e inclui uma forma de experiência situada no tempo de “repouso” próprio da criação. A brincadeira torna-se a base da construção da ‘experiência cultural’, modo de relação com o mundo que mais tarde permitirá ao adulto viver na dimensão de um *self* saudável, adaptado à realidade externa mas sem abrir mão de seus aspectos mais autênticos.

Os jovens na sociedade ocidental contemporânea têm se tornado adultos de uma forma muito precoce em aspectos como o cognitivo e o sexual. Crescem aparentemente, muitas vezes tornam-se adultos ‘assujeitados’ aparentemente em eficiente conformidade com o mundo que os cerca, mas permanecem com desejos infantis, com atitudes típicas de crianças, o que lhes cria uma série de dificuldades no enfrentamento da realidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G (2000) *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes
- BAUMAN, Z (2005) *Vida Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar
- BERGSON, H (1948) *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris, Presses Universitaires de France
- BITTENCOURT, MIGF (2005) Reflexões sobre o tempo: instrumentos para uma viagem pelo ciclo vital. In: *Psyché Revista de Psicanálise*. Ano IX, nº 15 jan-jun/2005 São Paulo, UNIMARCO
- JOBIM e SOUZA, S. (2000) Infância, violência e consume. In: S. Jobim e Souza (org) *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras
- MERLEAU-PONTY, M (1999 ) A temporalidade. In: M Merleau-Ponty, *Fenomenologia da Percepção*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes..
- WINNICOTT, D W (1975) O brincar. In: D W Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

----- (1975) A localização da experiência cultural. In: D W Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago .

Recebido: 04/12/2009

Aceito: 07/01/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)